

COMUNICAÇÃO ORAL NO BACHARELADO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

ORAL COMMUNICATION IN THE BACHELOR OF SCIENCE AND TECHNOLOGY: A INTERVENTION PROPOSAL

Cleilson da Silva Costa¹
Polianny Ágne de Freitas Negócio²

Resumo: Nosso objeto de estudo são as relações entre oralidade e letramento em contexto acadêmico, abordando o gênero comunicação oral. Nesta pesquisa, objetivamos propor uma metodologia de trabalho com o gênero comunicação oral numa turma de Análise e Expressão Textual, do curso de Bacharelado em Ciência e Tecnologia da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), campus de Caraúbas-RN, com o intuito de que os alunos o produzam de maneira mais adequada ao contexto. Logo, este trabalho se justifica levando em consideração as observações de Fiad (2011), segundo a qual há uma discrepância entre o letramento dos estudantes ingressantes e o letramento que lhe é exigido pela universidade, que tem suas influências no desenvolvimento da modalidade oral da língua. No tocante aos gêneros orais, a abordagem toma por base as concepções da Linguística de Texto (TRAVAGLIA, 2013) e os estudos relativos ao gênero comunicação oral são tratados embasando-se, inicialmente, na perspectiva de Zani e Bueno (2016), que considera a comunicação oral como gênero público, parcialmente formal, materializado na interface escrita-oral, isto é, que parte de uma escrita, mas concretiza-se ao ser oralizado. No que refere à metodologia, trata-se de uma pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011; TRIPP, 2015). Os procedimentos seguidos foram em cinco fases: primeiramente, foi aplicado um questionário de sondagem; a segunda fase consistiu na aula sobre aspectos da oralidade; na terceira fase, o grupo propôs uma atividade dinâmica; na quarta fase, por seu turno, foram aplicados novamente questionários; por fim, na última fase foram as comunicações dos discentes. Os resultados desta pesquisa apontam um avanço nos letramentos acadêmicos, uma vez que 96% dos discentes responderam que já entendem as funções sociais da oralidade na academia, bem como 73% deles reconhecem a importância da exposição oral.

Palavras-chave: prática de letramento; gêneros orais; comunicação oral.

Abstract: Our study object is the relationship between orality and literacy in an academic context, addressing the oral communication genre. In this research, we aim to propose a working methodology with the oral communication genre in a “Análise e Expressão Textual” class, from the course

¹ Graduando em Letras - Português pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5387109198180929>. E-mail: cleilsoncostaliteratura20@gmail.com.

² Graduada em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Suas Respectivas Literaturas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e Mestra em Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino (UERN/UFERSA/IFRN). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1331759427219796>. E-mail: polianny.negocio@gmail.com.

Bacharelado em Ciência e Tecnologia da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Campus Caraúbas-RN, with the aim that students produce it in a way that is more appropriate to the context. Therefore, this work is justified taking into account the observations of Fiad (2011), according to which there is a discrepancy between the literacy of incoming students and the literacy required by the university, which has its influence on the development of the oral modality of the language. With regard to oral genres, the approach will be based on the concepts of Text Linguistics (TRAVAGLIA, 2013) and the studies related to the oral communication genre will also be treated based, initially, on the perspective of Zani and Bueno (2016), who consider oral communication as a public genre, partially formal, materialized in the written-oral interface, that is, that part of a writing, but it materializes when being spoken. With regard to methodology, we classify it as action research (THIOLLENT, 2011; TRIPP, 2015). The procedures followed were in five phases: first, a survey form was applied; the second phase consisted of a class on aspects of orality; in the third phase, the group proposed a dynamic activity; in the fourth phase, in turn, forms were applied again; finally, the last phase was the students communication. The results of this research point to an advance in academic literacy, since 96% of students responded that they already understand the social functions of orality in the academy, as well as 73% of them recognize the importance of oral exposure.

Keywords: literacy practice; oral genres; oral communication.

Introdução

Variadas são as discussões que perpassam a concepção de gênero textual e a sua relevância no processo de ensino-aprendizagem, compreendendo, desse modo, a necessidade de as produções textuais serem situadas em contextos comunicativos reais, funcionando, portanto, como instrumento de trabalho, fornecendo um suporte para o desenvolvimento das atividades de linguagem, conforme Schneuwly e Dolz (1999).

Contudo, apesar de o ensino de gêneros textuais ser concebido como um instrumento de ensino eficaz, sendo, conseqüentemente, recomendado por pesquisadores da área, como também pelos documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), tem-se visto que os gêneros escritos são preponderantes. Assim, percebe-se que ainda não há uma exploração efetiva dos gêneros orais, refletindo, desse modo, nas apresentações formais dessa modalidade da língua no contexto escolar e, conseqüentemente, na esfera acadêmica.

À vista disso, e considerando o contexto acadêmico na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), assume-se, aqui, a hipótese de que os discentes ingressantes, de modo geral, sentem dificuldades de realizarem apresentações orais, principalmente, pelo fato de não terem uma formação apropriada sobre as características e peculiaridades dos gêneros textuais orais.

Destarte, este trabalho se justifica levando em consideração as observações de Fiad (2011), segundo a qual há uma discrepância entre o letramento dos estudantes ingressantes e o letramento que lhes é exigido pela universidade. Tais considerações reforçam a necessidade de projetos que proporcionem práticas que envolvem o letramento acadêmico, sobretudo para alunos recém-chegados na universidade, tendo em vista que este é um espaço no qual isto lhes será exigido constantemente.

Assim, levando em consideração esses fatos supracitados, objetivamos propor uma metodologia de trabalho com o gênero comunicação oral numa turma de Análise e Expressão Textual, do curso de Bacharelado em Ciência e Tecnologia, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Campus de Caraúbas-RN, com o intuito de que os alunos o produzam de maneira mais adequada ao contexto.

Para tanto, além desta introdução, este trabalho se organiza da seguinte maneira: na primeira seção, apresenta-se, de forma sucinta, discussões sobre oralidade e letramento; em um segundo momento, por sua vez, externa-se o conceito e as características do gênero escolhido neste estudo; em seguida, será apresentado a metodologia empregada; na seção quatro, por seu turno, tratar-se-á de apresentar os resultados e discussões; por último, serão traçadas as considerações finais.

O gênero Comunicação Oral

A base teórica utilizada para amparar as concepções discutidas nesta pesquisa incluem ponderações acerca de Oralidade e Letramento, sobre as quais discutiremos no primeiro subtópico a fim de situar nossas reflexões sobre o gênero Comunicação Oral, o qual desenvolveremos no segundo subtópico desta seção.

Oralidade e Letramento

As discussões que tangem à oralidade e o letramento e, em muitos casos, as relações entre ambas, são múltiplas. Ademais, vale frisar que essas abordagens, na contemporaneidade, são centradas numa perspectiva de usos sociais da linguagem, em detrimento da decodificação de uma série de regras do sistema linguístico, representando, assim, a construção de um novo objeto de análise e uma nova concepção

de língua e de texto, “agora vistos como um conjunto de práticas sociais” (MARCUSCHI, 2010, p. 15).

No tocante à oralidade, a partir da década de noventa (90), o interesse pela investigação dessa modalidade da língua propagou-se, consideravelmente, haja vista a necessidade de explanar e, conseqüentemente, ampliar o repertório de conhecimentos linguísticos dos discentes nessa categoria, tal como se faz na escrita. Não obstante, apesar desse crescimento considerável, pesquisas e publicações recentes têm mostrado que os trabalhos com gênero orais ainda são desvalorizados — e isso se reflete no grau de letramento nessa modalidade que os alunos possuem ao ingressarem na universidade, conforme Zani e Bueno (2016).

Consoante a esse pensamento e, também, apresentando um panorama da realidade acerca dos gêneros orais na Educação Básica, Forte-Ferreira (2014, p. 25) pontua que “a modalidade oral da língua [...] não tem ocupado um lugar considerável na escola, seja na prática docente ou até mesmo nos manuais que, muitas vezes, direcionam a prática dos professores”. Perante o exposto, observa-se que oralidade é posta em segundo plano, em outros termos, a escola e os documentos que norteiam os professores priorizam a modalidade escrita da língua, negligenciando, de certa forma, a oral.

Nos manuais, ainda, segundo Marcuschi (2007), percebe-se que as discussões concernentes à oralidade são rasas e pouco explícitas, suscitando obscuridade referente à definição dessa modalidade da língua. Em virtude disso, educandos e profissionais de Letras, com habilitação em Língua Portuguesa, confundem a análise da oralidade, muitas vezes, “com algumas atividades de oralização da escrita” (MARCUSCHI, 2007, p. 29). Para Marcuschi (2010),

A oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal a mais formal nos mais variados contextos de uso (MARCUSCHI, 2010, p. 25).

Esta discussão compele-nos a refletir acerca dos gêneros orais. Afinal, o que é um gênero oral? Travaglia (2013), citando as discussões do Grupo de Pesquisa³ sobre o Texto e Discurso, demarca que é aquele que tem como suporte a voz humana — compreendida como uma característica particular que tem o som produzido pelo

³ Grupo de Pesquisa sediado no Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, e ligado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.

aparelho fonador —, e que foi produzido para ser realizado oralmente, utilizando-se a voz humana, condição que independe de ter ou não uma versão escrita. Comunicação científica em eventos acadêmicos, conferências, seminários, debates, são exemplos de gêneros orais “e não a simples oralização de qualquer texto” (TRAVAGLIA, 2013, p. 05). Tais gêneros, por exemplo, podem ter uma versão escrita, mas foram produzidos para serem realizados oralmente.

No que concerne ao letramento, é pertinente sublinhar que, apesar dessa expressão ter sido inserida na língua portuguesa em meados dos anos 1980, “para nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico” (VERGNA, 2020, p. 01), ainda se constitui como um objeto de estudo que possui, para muitos profissionais da educação, um conceito obscuro. Em linhas gerais, segundo Marcuschi (2010),

O letramento [...] envolve as mais diversas práticas da escrita (nas suas variadas formas) na sociedade e pode ir desde uma apropriação mínima da escrita, tal como o indivíduo que é analfabeto, mas letrado na medida em que identifica o valor do dinheiro, identifica o ônibus que deve tomar, consegue fazer cálculos complexos, sabe distinguir as mercadorias pelas marcas etc., mas não escreve cartas nem lê jornal regularmente, até uma apropriação profunda, como no caso do indivíduo que desenvolve tratados de Filosofia e Matemática ou escreve romances. Letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz um uso formal da escrita (MARCUSCHI, 2010, p. 25).

À vista disso, percebe-se que há uma disparidade entre letramento e alfabetização. Enquanto esta é compreendida como apenas uma decodificação dos códigos linguísticos, aquele é concebido como algo mais amplo – um conjunto de práticas que fazem o uso social da leitura e da escrita em diversos contextos. Dessa forma, Street (1995 *apud* MARCUSCHI, 2010) sugere o uso da terminologia *letramentos*, uma vez que são múltiplas práticas sociais e ocorrem em diversos domínios discursivos, como acadêmico, escolar, digital, marginal etc.

Ademais, levando em consideração que há graus de letramentos, o ensino, não só na área de Letras, mas como todas as demais que trabalham com a leitura e escrita, deve proporcionar ao educando momentos oportunos para auferir e elevar os graus de letramentos nas diversas esferas, indo além do escolar, instrumentalizando-o, assim, para responder às variadas demandas sociais de maneira adequada.

Nesta seção, oralidade e o letramento foram explanados separadamente, não obstante, essa divisão foi meramente didática, uma vez que ocorreram mudanças relacionadas às formas de conceber a linguagem, língua, texto, tornando-se, assim, palpável a articulação entre oralidade e letramento. Marcuschi (2010), inclusive, defende que não há a possibilidade de fazer pesquisas sobre esses assuntos sem articulá-los, uma vez que devem ser vistos como práticas sociais complementares.

A Comunicação Oral

O gênero comunicação oral constitui-se como sendo um dos gêneros orais mais recorrentes no cotidiano escolar, fazendo-se presente em todos os níveis escolares, conforme Félix (2012). Contudo, na realidade acadêmica, observa-se que muitos discentes ainda não têm conhecimentos aprofundados acerca desse gênero e, conseqüentemente, ao se depararem com essa prática, não sabem lidar da forma que é exigida pelo meio acadêmico.

Levando em consideração essas observações, vê-se que, através desses impasses, é pertinente pensar que cabe ao professor oferecer as condições necessárias para que os alunos adquiram habilidades referentes a esse gênero e possam, finalmente, produzirem de forma adequada. Para tanto, o educador deve inserir, de fato, essa temática na sala de aula, com o intuito de fazer com que os educandos possam conhecer, de forma aprofundada, características desse gênero, como estilo, forma, organização interna da exposição, características linguísticas e discursivas.

No que concerne ao estilo, trata-se de um gênero público, relativamente formal, materializado na interface escrita-oral, isto é, que parte de uma escrita, mas concretiza-se ao ser oralizado. Revela-se na esfera acadêmica, envolvendo, de um lado, o expositor (orador), que se dirige ao destinatário, veiculando informações referentes ao determinado conteúdo e, de outro, o auditório (destinatário), disposto a aprender alguma coisa (ZANI; BUENO, 2016).

No tocante à forma, refere-se a um modelo sistemático, acompanhado de intervenções pedagógicas, que pode ser uma atividade por meio da qual não só se avalia o conteúdo compreendido pelo discente, mas também proporciona a apropriação de uma competência comunicativa específica, conforme Félix (2012). Assim, nota-se a importância de o aluno estar inserido nessa prática, na qual fará com que ele alcance um

determinado nível de maestria nesse gênero e, também, nos outros diversos gêneros orais.

Tratando-se da organização interna da exposição, por sua vez, é pertinente destacar que há quatro fases: abertura; introdução; síntese; conclusão. A primeira fase, segundo Félix (2012), constitui-se como o momento de determinação da situação comunicativa, na qual o expositor irá entrar em contato com o público ouvinte e, posteriormente, apresentar suas finalidades com essa comunicação.

Na introdução, por seu turno, baseando-se, ainda, em Félix (2012), o expositor introduz o seu tema, apresentando o ponto de vista e suas limitações acerca da temática a ser apresentada. Essa fase é fulcral, visto que é o momento em que o expositor deverá instigar a atenção, o entusiasmo e a estima dos ouvintes sobre o estudo que será apresentado.

No que concerne à recapitulação e síntese, trata-se de um momento de extrema relevância para a apresentação, uma vez que é a etapa em que o expositor irá demonstrar o poder de sintetizar a pesquisa, dando ênfase na análise e metodologia, porque são as seções mais relevante do estudo, momento em que é apresentado algo novo, inédito. Por último, a conclusão, é o momento em que o expositor procura transmitir um parecer final sobre as questões abordadas durante a comunicação, podendo ser desencadeado um problema novo ou ocorrer o início de um debate.

No que se refere à última característica pautada, que diz respeito às características linguísticas, é pertinente asseverar que um dos objetivos do trabalho pedagógico com a comunicação oral é fazer com que o aluno/expositor saiba planejar sua comunicação, salientando “a coesão das estruturas do texto e a coerência temática” (DOLZ *et al.*, 2004, p. 234).

Assim, para que os discentes possam atingir êxitos em suas respectivas apresentações, cabe ao professor inserir discussões sobre os elementos textuais, como, por exemplo, a coesão temática, assegurando-se, portanto, a conexão do conteúdo apresentado. Outro fator que é crucial para a apresentação oral é a capacidade de distinguir as ideias fulcrais e as secundárias, na qual será mais relevante destacar a análise e os processos metodológicos. Alguns autores destacam a relevância de um esquema prévio na apresentação, para que ela possa adequar-se ao tempo proposto pela organização (FÉLIX, 2012).

Outro aspecto relevante em uma comunicação oral diz respeito ao suporte, na qual é muito recorrente ver alunos levando textos escritos, anotações, citações, que servem como apoio ao expositor. Não obstante, esses recursos só são concretizados ao serem oralizados.

Metodologia

No que se refere à metodologia, optamos por desenvolver uma pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011; TRIPP, 2015), na qual os pesquisadores fizeram o diagnóstico de um determinado problema e propuseram uma intervenção diante dele. Assim, foram cinco fases para o desenvolvimento desta pesquisa: primeiramente, o grupo propositor deste trabalho de letramento aplicou um questionário de sondagem aos alunos da Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA, Campus de Caraúbas, tendo como público-alvo os alunos ingressantes no curso de Bacharelado em Ciência e Tecnologia (BCT). A disciplina na qual as interrogações foram feitas é a de Análise e Expressão Textual (CAC0050).

Tal questionário foi pertinente para medir o nível de conhecimento sobre comunicação oral que os discentes já tinham. Os questionários foram distribuídos para todos os discentes presentes, totalizando 26, o referido interrogatório conteve nove perguntas, sendo seis objetivas e três discursivas, a saber na seção de análise de dados.

A segunda fase consistiu na participação de uma professora convidada pela responsável da turma. Nessa aula, preliminarmente, a ministrante fez indagações sobre como os discentes envolvidos se sentem ao apresentar trabalhos. Posteriormente, levando a discussão para os gêneros orais, houve uma sondagem sobre o contato com essa classe de gêneros antes do ingresso na Universidade.

Seguidamente, foram abordados aspectos das modalidades da língua (orais e escritos), para, posteriormente, chegar no objeto de estudo da aula, oralidade, com ênfase nos gêneros seminário e comunicação oral. Destarte, é pertinente afirmar que a aula objetivava aprimorar os conhecimentos dos discentes envolvidos, através da explanação dos conteúdos referentes a essa temática.

Na terceira fase do projeto, por sua vez, o grupo propôs uma atividade dinâmica na qual os alunos tiveram que sintetizar seus trabalhos de pesquisa desenvolvidos anteriormente na disciplina. Nessa atividade, objetivava-se a socialização com os

colegas, apresentando, assim, a natureza, objetivos, métodos e resultados dos trabalhos, para que os discentes já colocassem em prática os movimentos retóricos da comunicação oral.

Na quarta fase, por seu turno, foram aplicados novamente questionários, contendo as mesmas perguntas e o mesmo número de questões, com a finalidade de verificar o nível de conhecimento que os alunos alcançaram depois das intervenções, levando em consideração os conteúdos relacionados à oralidade, ao contato com essa prática e, principalmente, a adequação às características do gênero ora estudado.

E a quinta e última fase deste estudo culminou na apresentação das comunicações orais dos alunos no encerramento da disciplina. Nestas, o grupo avaliou o desempenho dos alunos, utilizando critérios relacionados aos requerimentos e características do gênero comunicação oral, como, por exemplo, o estilo dos *slides*, o conteúdo inserido nessa ferramenta, o domínio do conteúdo, o grau de importância às determinadas partes do corpo do trabalho e a coesão e progressão da apresentação. Através desses critérios, pôde-se ter noção da eficácia e qualidade do trabalho executado.

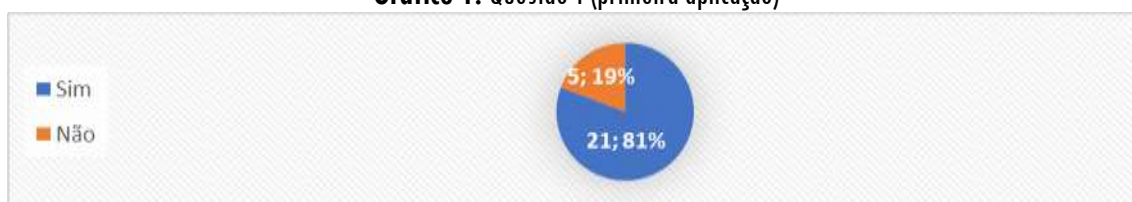
Nesse sentido, as respostas obtidas através dos dois questionários aplicados constituem o *corpus*, o qual será analisado sob um viés quali-qualitativo, o qual “interpreta as informações quantitativas por meio de símbolos numéricos e os dados qualitativos mediante a observação, a interação participativa e a interpretação do discurso dos sujeitos (semântica)” (KNECHTEL, 2014, p. 106). Logo, o olhar dos pesquisadores versará tanto sobre os aspectos numéricos quanto sobre o que eles representam diante da problemática discutida.

Resultados e Discussão

Nesta seção, apresentam-se gráficos com os dados obtidos do primeiro questionário aplicado, ilustrando-se os resultados antes da intervenção. Posteriormente, ilustra-se o resultado do levantamento de dados extraídos do segundo questionário, após intervenção, através de gráficos. Por último, analisam-se ambos, a fim de fazer uma analogia, considerando os critérios supracitados na metodologia, com o propósito de externar a eficácia desta prática.

Conforme o Gráfico 1, no tocante à oralidade, no que se refere ao quantitativo da pesquisa, percebe-se que os discentes ingressantes, na maioria, responderam que sabem o que é oralidade, correspondendo, desse modo, a vinte e uma respostas na opção “sim”, totalizando 81%. A alternativa “não”, por sua vez, totalizou cinco respostas, das vinte e seis, correspondendo, respectivamente, a 19%, como se observa no gráfico a seguir, através da pergunta: Você sabe o que é oralidade? () Sim () Não.

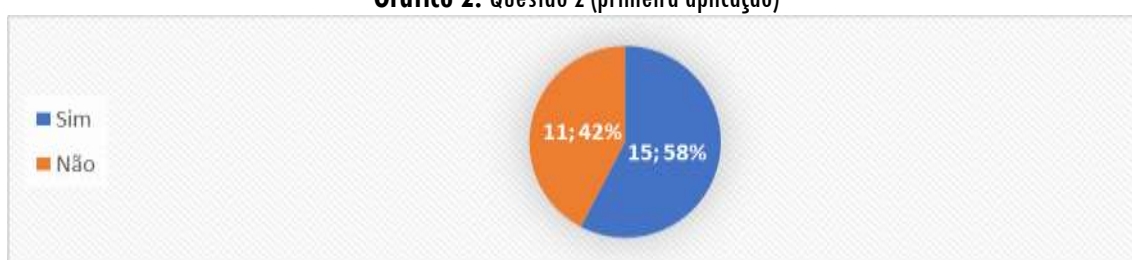
Gráfico 1. Questão 1 (primeira aplicação)



Fonte: Elaboração própria (2020).

Já no que diz respeito ao trabalho com aspectos da oralidade no ensino básico, nota-se que mais da metade dos discentes já tiveram o contato com algum aspecto dessa modalidade da Língua (Cf. Gráfico 2), correspondendo a quinze (58%) respostas na alternativa “sim”, enquanto a opção “não” obteve onze respostas (42%), conforme os dados apresentados em seguida, referindo-se à questão: Você já trabalhou aspectos da oralidade na educação básica? () Sim () Não.

Gráfico 2. Questão 2 (primeira aplicação)

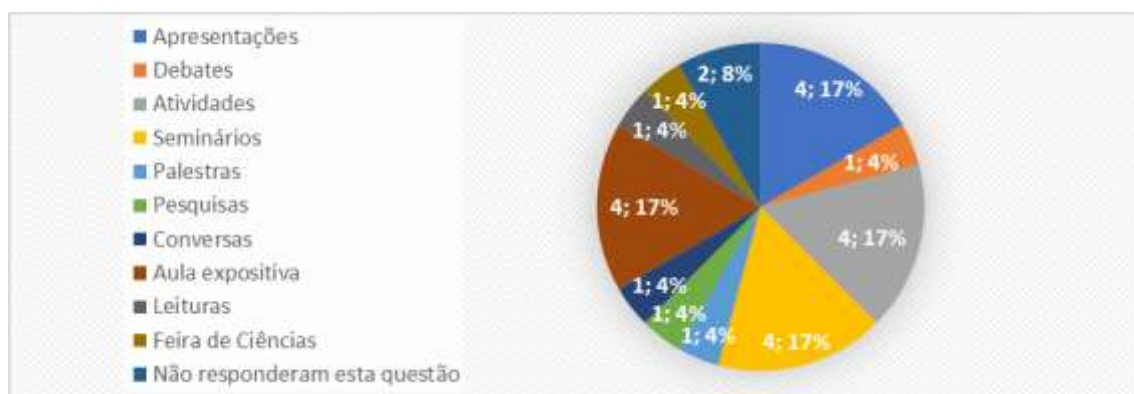


Fonte: Elaboração própria (2020).

No que tange à forma como os discentes obtiveram contatos com os aspectos dessa modalidade, o questionamento era aberto e foram identificadas inúmeras formas (Cf. Gráfico 3), como apresentações, 17%; debates, 4%; atividades, 17%; seminários, 17%; palestras, 4%; pesquisas, 4%; conversas, 4%; aula expositiva, 17%; leituras, 4%; Feiras de Ciências, 4%; e, por último, os que não responderam à questão,

correspondendo a 8%. Para tanto, o quadro ilustrado a seguir diz respeito à pergunta: Se sua resposta anterior foi “sim”, como esses aspectos foram abordados pelo(a) professor(a)?

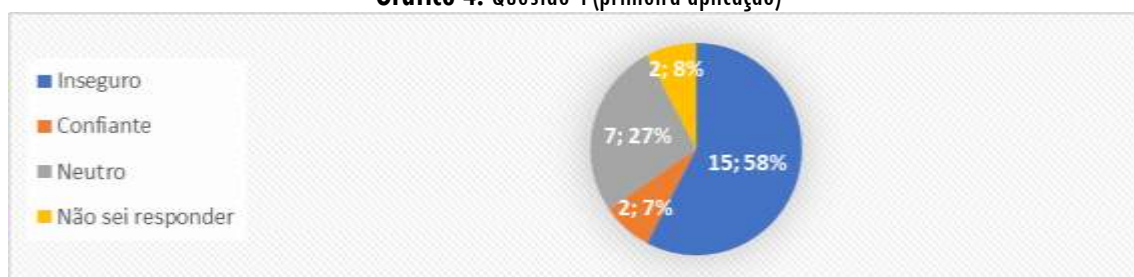
Gráfico 3. Questão 3 (primeira aplicação)



Fonte: Elaboração própria (2020).

Já o nível de segurança dos discentes ingressantes, por seu turno, observa-se que a maioria se sente inseguro, totalizando 58% das respostas; confiantes, 7%; neutro, 27%; e não souberam responder, 8%; como ilustra o esquema abaixo, relativo à seguinte indagação: Quando lhe é exigido alguma apresentação oral, como se sente? () Inseguro () Confiante () Neutro () Não sei responder.

Gráfico 4. Questão 4 (primeira aplicação)

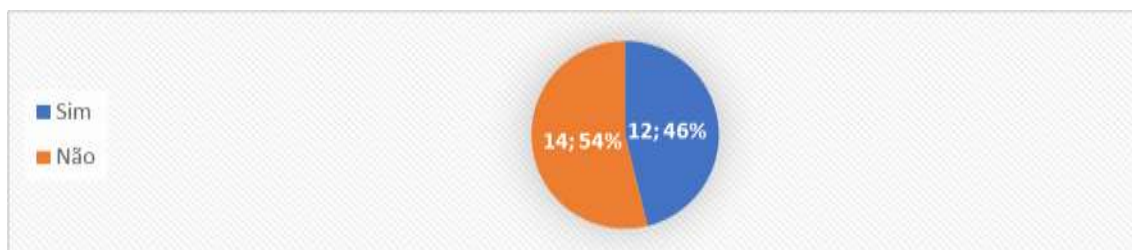


Fonte: Elaboração própria (2020).

Além de questões relacionadas à oralidade, no geral, é necessário um aprofundamento no gênero estudado. Assim, (Cf. Gráfico 5) no que se refere ao conhecimento do gênero comunicação oral, percebe-se, através dos dados extraídos, que doze (46%), dos vinte e seis, responderam que conhecem esse instrumento de trabalho, enquanto quatorze (54%) responderam que não o conhecem. Para ilustrar esse

percentual ora apresentado, os dados seguintes são relacionados à questão: Você conhece o gênero comunicação oral? () Sim () Não

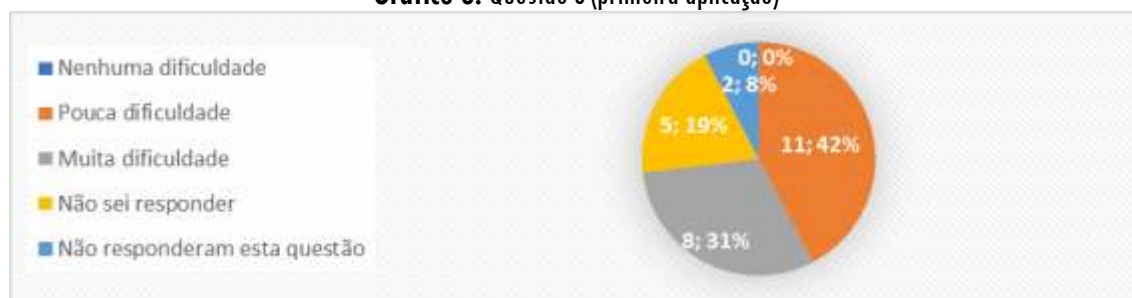
Gráfico 5. Questão 5 (primeira aplicação)



Fonte: Elaboração própria (2020).

No que concerne ao nível de dificuldade quando essas práticas são requeridas, os números mostram que ninguém respondeu que não sentia nenhuma dificuldade, pouca dificuldade, por sua vez, contabilizou 42%; muita dificuldade, 31%; não sei responder, 19%; não responderam essa questão, 8%. Abaixo, o Gráfico 6 apresenta os dados mencionados neste parágrafo, por meio da seguinte pergunta: Com relação ao nível de dificuldade desse gênero, você sente: () Nenhuma dificuldade () Pouca dificuldade () Muita dificuldade () Não sei responder.

Gráfico 6. Questão 6 (primeira aplicação)



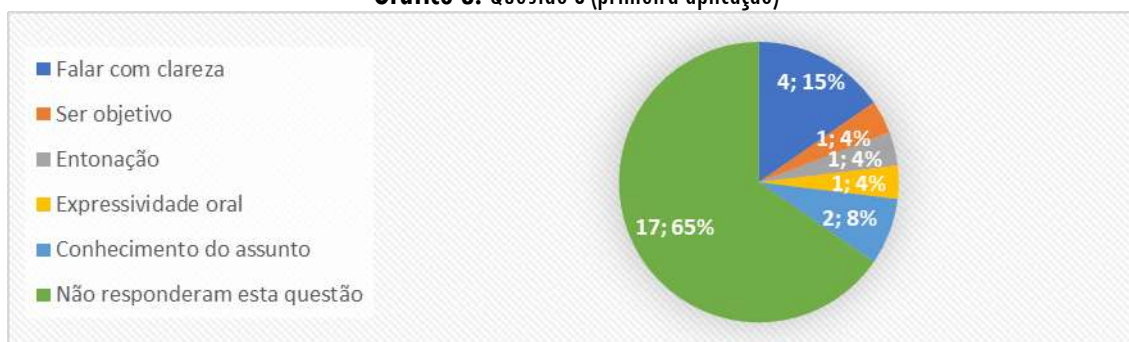
Fonte: Elaboração própria (2020).

Em relação ao momento em que se deu o primeiro contato com esse gênero ora investigado, os resultados indicam que todas as respostas foram no Ensino Básico, dez (38%), enquanto os demais não responderam essa questão, dezesseis (62%), como se vê no esquema abaixo (Cf. Gráfico 7), que diz respeito ao questionamento: Em qual momento se deu o primeiro contato com esse gênero? () Ensino Básico () Ensino Superior () Outro.

Gráfico 7. Questão 7 (primeira aplicação)

Fonte: Elaboração própria (2020).

Sobre as características que são próprias do gênero pautado, os alunos ingressantes asseveraram que falar com clareza é uma de suas peculiaridades, com um total de 15%; ser objetivo, 4%; entonação, 4%; expressividade oral, 4%, conhecimento acerca do assunto, 8%; não responderam à questão, 65%. A título de Ilustração, apresenta-se, posteriormente, dados sobre a seguinte indagação (Cf. Gráfico 8): Com base em seus conhecimentos, aponte e comente características da Comunicação Oral.

Gráfico 8. Questão 8 (primeira aplicação)

Fonte: Elaboração própria (2020).

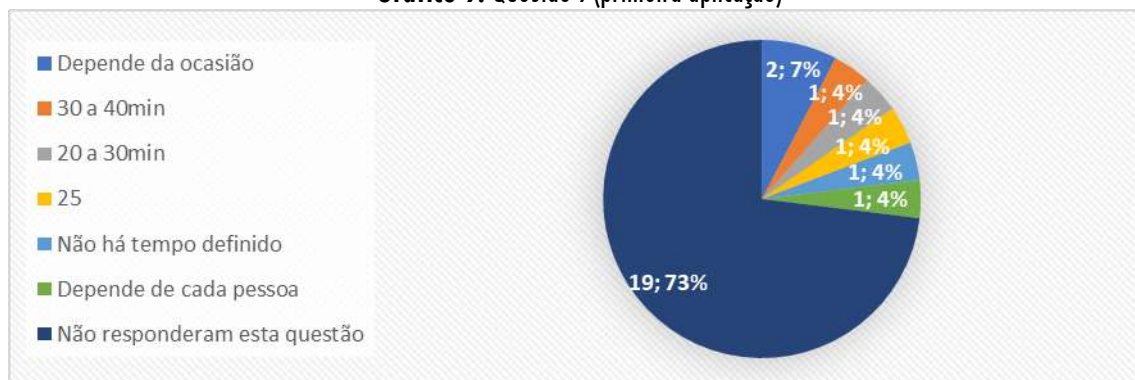
Nota-se que o quantitativo de discentes que não responderam à questão é significativo e esse ponto pode ser atribuído à falta de contato com os elementos da oralidade, em geral, e também com os elementos constitutivos do gênero comunicação oral, de forma mais específica. A discussão a respeito desses elementos é aprofundada por Santos (2021) a partir de Marcuschi (2002), Dolz *et al.* (2004) e Forte-Ferreira (2014):

Considerando, assim, o contexto da sala de aula, acreditamos na eficácia da sistematização do ensino da oralidade a partir de seus elementos próprios, com base na realização gêneros orais diversos, e não apenas comparando a fala com a escrita, mas fazendo uso desta como uma

ferramenta de apoio, assim como a leitura, obviamente, e dando ênfase, sobretudo, aos usos da língua oral e dos gêneros que circulam em diferentes esferas de comunicação social (SANTOS, 2021, p. 63-64).

No que toca à duração de uma exposição oral, verifica-se (Cf. Gráfico 9) que os discentes responderam que depende da ocasião, correspondendo, assim, a 7% 30 a 40 minutos, 4%; 20 a 30, 4%; 25, 4%; não tem tempo definido, 4%; depende de cada pessoa, 4%; e a maioria ficaram isentas dessa indagação, totalizando 73%. Para confirmar os dados ora mencionados, o Gráfico 9 se refere à seguinte problemática: Em média, quanto tempo dura uma comunicação oral?

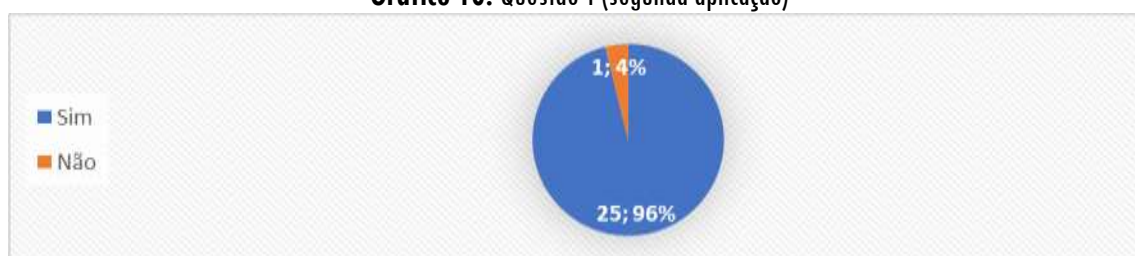
Gráfico 9. Questão 9 (primeira aplicação)



Fonte: Elaboração própria (2020).

Após a intervenção, a questão 1 auferiu um resultado díspar, uma vez que 96% responderam que sabiam o que é oralidade, enquanto 4% responderam que não sabem, conforme o Gráfico 10:

Gráfico 10. Questão 1 (segunda aplicação)

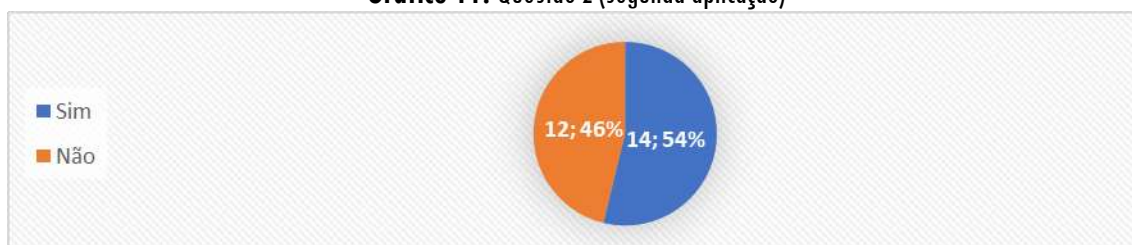


Fonte: Elaboração própria (2020).

No tocante ao trabalho com aspectos da oralidade, questão dois, quatorze discentes responderam que já trabalharam, correspondendo, destarte, a 54%, enquanto os que não tiveram o contato com esses aspectos somaram doze respostas,

correspondendo, respectivamente, a 46%, conforme os dados apresentados em seguida (Cf. Gráfico 11):

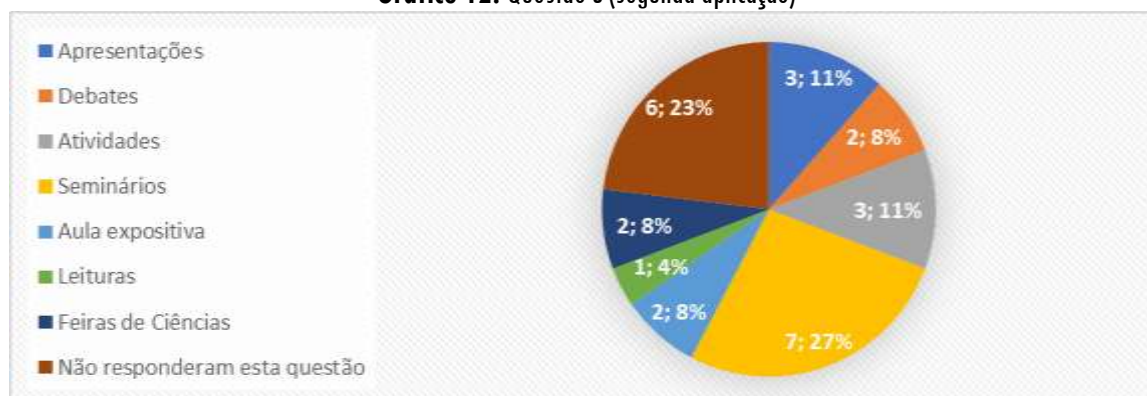
Gráfico 11. Questão 2 (segunda aplicação)



Fonte: Elaboração própria (2020).

No que diz respeito ao meio como esses aspectos foram abordados (pergunta três), verifica-se que os participantes desta investigação responderam que foi por intermédios de apresentações, totalizando, portanto, um percentual de 11%; já por debates, 8%; atividades, 11%; seminários, 27%; aula expositiva, 8%; leituras, 4%; Feiras de Ciências, 8% e, por último, 23% não responderam à indagação, segundo os dados expostos no Gráfico 12.

Gráfico 12. Questão 3 (segunda aplicação)

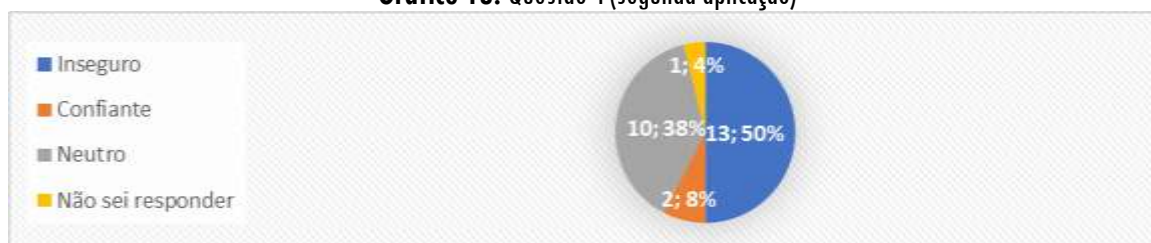


Fonte: Elaboração própria (2020).

Considerando as concepções dos PCN, temos que “ensinar língua oral não significa trabalhar a capacidade de falar em geral. Significa desenvolver o domínio dos gêneros que apoiam a aprendizagem escolar de Língua Portuguesa” (BRASIL, 1998, p. 67), logo, é fundamental perceber o contato dos sujeitos da pesquisa com os gêneros supracitados para mensurar o modo como a oralidade foi concebida ao longo de suas jornadas escolares.

Tratando-se de segurança em uma apresentação oral – questão quatro, percebe-se que os maiores números de respostas foram depositados em inseguro, totalizando, desse modo, 50%; enquanto confiante, apenas 8%; neutro, 38%; não sei responder, 4%, como podemos observar no esquema abaixo (Cf. Gráfico 13), relativo à essa indagação.

Gráfico 13. Questão 4 (segunda aplicação)



Fonte: Elaboração própria (2020).

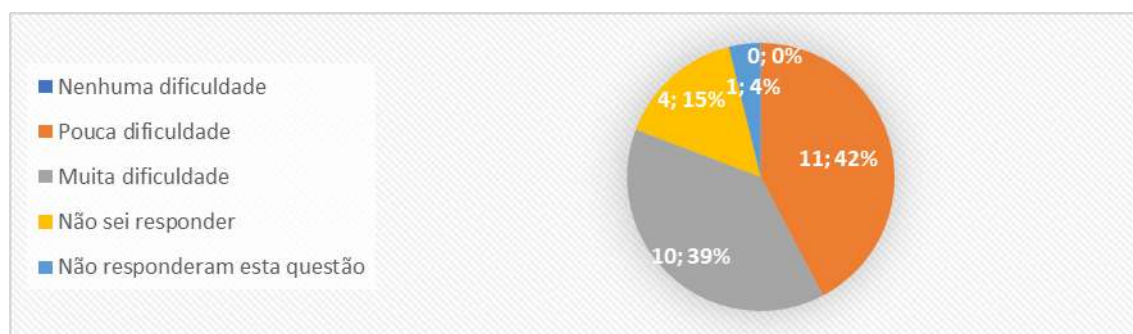
Em relação ao conhecimento acerca do gênero comunicação oral, questão cinco, após a intervenção, momento este em que esse gênero foi abordado, 73% responderam que conhecem esse instrumento de trabalho; 23% ainda responderam que não; e 4% ficaram isentos da pergunta, como se pode visualizar nos dados expostos no Gráfico 14:

Gráfico 14. Questão 5 (segunda aplicação)



Fonte: Elaboração própria (2020).

Quanto às dificuldades enfrentadas quando lhes são exigidos algum trabalho acerca desse gênero, ninguém respondeu que não tinha dificuldade, correspondendo, obviamente, a 0%; pouca dificuldade, 42%; muita dificuldade, 39%; não sei responder, 15% e, novamente, houve a isenção dessa questão, representando 4%, como está explícito no Gráfico 15, referente à questão seis do questionário.

Gráfico 15. Questão 6 (segunda aplicação)

Fonte: Elaboração própria (2020).

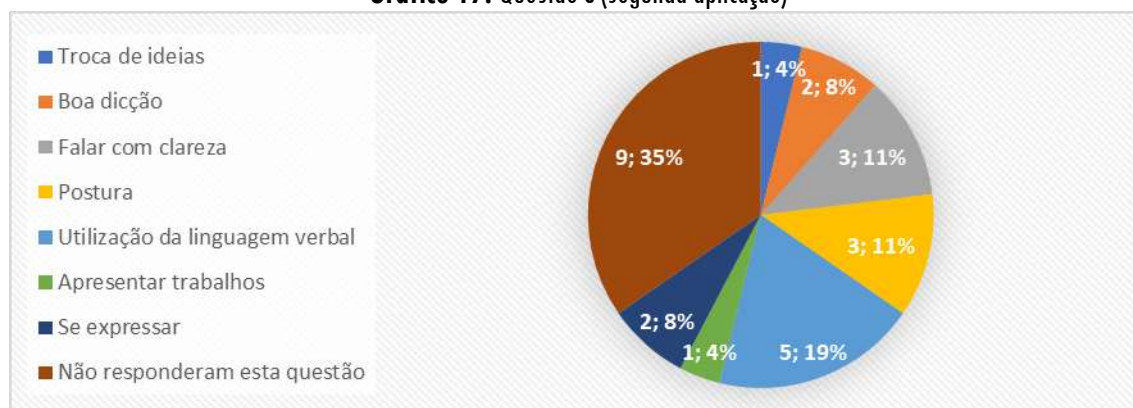
Com relação ao momento em que se deu o primeiro contato com esse gênero ora estudado, foram identificadas vinte respostas, das vinte e seis, das quais onze (42%) responderam que foi no Ensino Básico; nove (35%) no Ensino Superior; outro, nenhuma resposta (0%); e, mais uma vez, um percentual elevado se isentou de responder à questão, de acordo com os dados apresentados na ferramenta em seguida, concernente à sétima questão do questionário (Cf. Gráfico 16).

Gráfico 16. Questão 7 (segunda aplicação)

Fonte: Elaboração própria (2020).

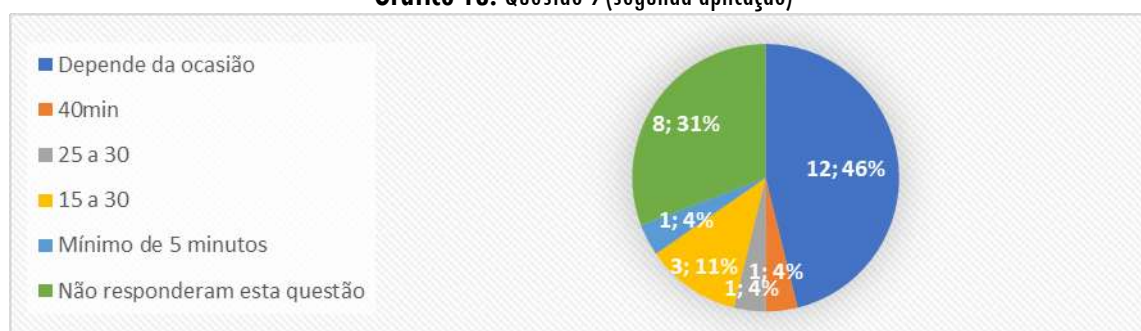
No que concerne às características da Comunicação Oral – oitava questão, há um leque de peculiaridades mencionadas pelos discentes, como troca de ideias, totalizando 4%; boa dicção, 8%; falar com clareza, 11%; postura na apresentação, 11%; utilização da linguagem verbal, 19%; apresentar trabalhos, 4%; se expressar, 8%; não responderam à questão, 35%, como pode ser visto no Gráfico 17.

Verificamos que o quantitativo de pessoas que não responderam à questão diminuiu, revelando-nos que a abordagem em sala de aula dos aspectos da oralidade no gênero pautado trouxe elucidções para os discentes que outrora tiveram dificuldade em refletir sobre o assunto.

Gráfico 17. Questão 8 (segunda aplicação)

Fonte: Elaboração própria (2020).

Por último, no que se refere à duração, em média, de uma exposição oral, é perceptível que há, ainda, uma disparidade nas respostas desse tópico, uma vez que 46% responderam que depende da ocasião; 4%, 40 minutos; 4%, 25 a 30; 11%, 15 a 30; 4%, que deve ter duração mínima de 5 minutos; e 31% não responderam à pergunta, como se nota abaixo, através do Gráfico 18, correspondente à nona questão.

Gráfico 18. Questão 9 (segunda aplicação)

Fonte: Elaboração própria (2020).

Perante o exposto, percebe-se, através dos dados extraídos do primeiro questionário, que há uma carência de conhecimento acerca da oralidade, uma vez que se constata que uma porcentagem considerável não conhece essa modalidade, os aspectos, o gênero Comunicação Oral, conseqüentemente, suas características, etc. e isso pode ser compreendido como um reflexo da forma como a modalidade oral da língua é tratada na Educação Básica (ZANI; BUENO, 2016; FORTE-FERREIRA, 2014).

No que diz respeito ao segundo questionário – após intervenção, por seu turno, observa-se, através dos gráficos referentes a essa fase, que houve uma melhora

significativa relacionada ao conhecimento sobre oralidade, ao gênero ora estudado e suas respectivas características, comparando-se ao primeiro interrogatório aplicado.

Ademais, percebe-se, através das comunicações orais realizadas no final da intervenção, que os discentes ingressantes se comportaram conforme as características do gênero comunicação oral, como, por exemplo, apresentaram *slides* com um estilo adequado, inseriram conteúdos pertinentes nessa ferramenta, apresentaram, em linhas gerais, domínio do conteúdo, dando ênfase às determinadas partes do corpo do trabalho, conforme o seu grau de importância, e realizaram uma apresentação coesa e progressiva. Em virtude da dimensão deste trabalho, os dados referentes à etapa em questão serão explorados em uma pesquisa posterior, para que possamos analisar de forma mais aprofundada os aspectos envolvidos.

Considerações finais

Esta pesquisa acerca do gênero Comunicação oral no curso de Graduação de Bacharelado em Ciência e Tecnologia da Ufersa, campus Caraúbas-RN, permitiu constatar através dos dados obtidos nos dois questionários aplicados que a proposta de intervenção acerca da oralidade e, mais restritamente, do gênero ora mencionado é eficaz, uma vez que os discentes ingressantes realizaram apresentações orais de maneira mais adequada ao contexto acadêmico após a intervenção.

Destarte, é perceptível a importância de trabalhos de cunho intervencionista sobre a modalidade oral da língua, com o intuito de suprir lacunas deixadas pela Educação Básica nessa modalidade e dar continuidade ao ensino por meio de gêneros orais, visto que a formação deve ser encarada como um processo contínuo. Além disso, apesar desta pesquisa ter se centrado no instrumento de trabalho comunicação oral, é pertinente que outros pesquisadores realizem pesquisas nessa área, explorando outros gêneros orais, para obter-se uma análise mais precisa, macro e, conseqüentemente, propor intervenções.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, 1998.

- DOLZ, J. *et al.* A exposição oral. In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2004, p. 215 a 246.
- FÉLIX, R. L. **O gênero Exposição Oral no contexto do Ensino Médio**. In: Simpósio Internacional de Língua Portuguesa. Anais. Uberlândia: EDUFU, 2012 p.1-16.
- FÉLIX, R. L. **O gênero Exposição Oral**: descrição e análise de sua aplicação no contexto do ensino médio. 2009. 142 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras-Português, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.
- FIAD, R. S. A escrita na universidade. In: **Revista da ABRALIN**, Campinas, v. 10, n. 4, p.358-369, 31 dez. 2011.
- FORTE-FERREIRA, E. C. **A oralidade como objeto de ensino**: por uma perspectiva de desenvolvimento da língua oral a partir do gênero debate. 2014. 229 f. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2014.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez Editora, 2010.
- MARCUSCHI, L. A. Oralidade e letramento como práticas sociais. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. (Org.). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 31-55
- SANTOS, R. I. A. dos. **A oralidade nas aulas de língua portuguesa do ensino médio no semiárido nordestino**: uma análise sobre as práticas docentes. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Universidade Federal Rural do Semi-Árido, 2021.
- SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, v. 01, n. 11, p. 5-16, jul. 1999.
- SOARES, M. O que é letramento?. In: **Diário do Grande ABC**, 29 de agosto de 2003.
- TRAVAGLIA, L. C. **Gêneros orais**: conceituação e caracterização. In: Simpósio Internacional de Letras e Linguística. Anais. Uberlândia: EDUFU, v. 3, n. 1, p. 01-08, 2013.
- VERGNA, M. A. Concepções de letramento para o ensino da língua portuguesa em tempos de uso de artefatos digitais. **Texto Livre**: linguagem e tecnologia, Belo Horizonte – MG, v. 14, n. 1, p. 01-16, 2020.
- ZANI, J. B.; BUENO, L. **A comunicação oral em eventos científicos e sua contribuição para o letramento acadêmico**. In: XXII Encontro de Iniciação Científica; XV Encontro de Pós-Graduação; XI Encontro de Extensão Universitária; IX Seminário de Estudos do Homem Contemporâneo. Anais. São Paulo: Universidade São Francisco, p. 01-15, maio 2016.

Submetido em 10 de outubro de 2021.

Aceito em 20 de dezembro de 2021.